

A lua das folhas caídas

Ronaldo Rogério de Freitas Mourão

A Lua se move aparentemente no céu do Oriente para o Ocidente. De fato, a Lua nasce todos os dias do lado Leste e se põe do lado Oeste. Ao contrário das estrelas, a Lua e os planetas ao passarem pelo meridiano não se situam à mesma altura em relação ao horizonte ao longo do ano. Na realidade a Lua, em particular, apresenta entre o verão e o inverno um grande deslocamento em altura ao passar pelo meridiano. Nos meses de junho e julho, a *lua cheia* situa-se mais baixa sobre o horizonte meridional e, ao contrário, nos meses de dezembro e janeiro, ela se eleva mais alta, atingindo um ponto mais próximo ao zênite, no hemisfério Norte. No nosso hemisfério ocorre justamente o contrário. A explicação de tais deslocamentos sazonais é simples: é suficiente referir-se à inclinação do plano orbital da Lua em relação ao equador.

De início, recordemos que o eixo de rotação da Terra é inclinado de 23 graus e meio em relação ao plano da eclíptica (trajetória aparente do Sol), o que dá origem ao fenômeno das estações. Nos equinócios (21 de março e 21 de setembro), o Sol nasce exatamente a Leste, passando pelo meridiano, em direção ao Norte, a uma altura que depende da latitude do lugar, para se pôr exatamente a Oeste. Para os países do Hemisfério Sul, no solstício do verão (21 de dezembro) é necessário adicionar a essa altura a inclinação do eixo da Terra e subtrai-la, no momento do solstício do inverno (23 de junho). Sabendo-se que na fase cheia a Lua encontra-se em oposição ao Sol em relação à Terra, no momento que a Lua passa pelo meridiano superior (acima do horizonte), o Sol encontra-se exatamente do lado oposto, ou melhor, no meridiano inferior (abaixo do horizonte). Se por um lado é lógico que, ao se aproximar do solstício do inverno (quando o Sol está mais baixo no céu em relação ao horizonte), a Lua cheia atinja a sua altura máxima no céu, por outro lado é claro que durante o solstício de verão (com o Sol mais alto), ela atingirá a sua altura mínima. Devemos lembrar ainda que a órbita da Lua está inclinada de cerca de 5 graus em relação ao plano da eclíptica. Em consequência, será necessário adicionar este ângulo no momento do solstício do inverno e subtrai-lo no momento do solstício do verão.

Todas estas variações da Lua eram conhecidas dos índios americanos, que as associavam às alterações climáticas, bem como aos seus efeitos sobre a vegetação. Assim, os norte-americanos denominavam o nosso satélite de várias formas: *Lua da Neve* (janeiro), *Lua da Fome* (fevereiro), *Lua do Despertar* (março), *Lua da Erva* (abril), *Lua da Plantação* (maio), *Lua das Rosas* (junho), *Lua da Colheira* (setembro), *Lua das folhas caídas* (outubro) e *Lua das longas noites* (dezembro). Em algumas regiões do Brasil, as luas eram designadas pelos índios com o nome das frutas que amadureciam naqueles meses, pois eles acreditavam numa relação entre a Lua e a vegetação. Sem dúvida, deveriam também ter relacionado as diferentes posições aparentes da Lua, ora mais ao sul ou ao norte, com o amadurecimento de determinadas frutas.

Apesar de todos os dicionários de línguas indígenas brasileiras relacionarem a palavra *mês* à designação tupi de "lua", os nossos índios usavam-na unicamente como marco ao longo do tempo. A lunação, período entre duas luas novas consecutivas, não era subdividida em dias pelos índios. Os Tapirapés não sabiam quantos dias possuía um mês lunar, embora conhecessem a seqüência das fases lunares. Assim, denominavam o novilúnio de *txahi apt* ("lua que dorme"), ou *txahi akantxim* ("lua que acabou"), e o plenilúnio de *avuhó*, "luar grande" (na realidade, *ho* é um sufixo aumentativo que adicionavam a *au*, luar), ou *yacy icáug*, "lua gorda, segundo Stradelli, em seu *Vocabulário Nheengatú* (1929). No entanto, parece, segundo Herbert Baldus, que os tapirapés não costumavam contar os anos em meses lunares. Eles distinguiam, na realidade, as principais estações do ano, cujo início parece associado ao aparecimento das Pléiades ou *Cetxu*, como chamavam esse aglomerado estelar. As três principais divisões do ano eram: *amina*, chuva ou pluvioso; *amina akipaak*, o fim do tempo chuvoso; *amina apám*, "chuva que dorme", "sono da chuva" ou tempo seco. A esses vários intervalos do ano atribuíam períodos associados à Lua. Assim, por exemplo, o tempo chuvoso compreendia mais ou menos cinco "lua acabou"; o fim do tempo chuvoso era formado de cinco e, finalmente, a terceira e última "estação" do ano, ou seja, o "sono da chuva", de três a oito "lua acabou".

Ao visitar os índios da Amazônia, no início do século 20, Stradelli observou que "o ano ainda hoje em muitas tribos é dividido em luas, designadas pelo nome da fruta que nelas amadurece, da árvore que nelas floresce, do peixe que nelas aparece". Na verdade, não se referem a meses computados com relativa precisão, mas de uma série de épocas com periodicidades coincidentes ao longo dos anos. Aliás tal observação é semelhante à adotada pelos marikopas, índios do sul do Arizona. Apesar de toda a imprecisão associada a elas, tais divisões eram de grande utilidade nas atividades agrícolas e sem dúvida de grande beleza poética, como se hoje dissessemos que o início do outono é o período da "lua das folhas caídas".